

Os fiéis do Opus Dei sofreram algum tipo de perseguição ou de represália política?

Pedro Casciaro era filho do Presidente da Frente Popular em Albacete e durante a sua estadia em Burgos foi objecto de uma denúncia muito grave por parte de um antigo conhecido da sua família.

12/12/2010

Pedro Casciaro era filho do Presidente da Frente Popular em

Albacete e durante a sua estadia em Burgos foi objeto de uma denúncia muito grave por parte de um antigo conhecido da sua família.

Pessoalmente não foi acusado de nada senão do fato de ser filho de um Presidente da Frente Popular. A denúncia não prosseguiu porque o denunciante faleceu repentinamente.

Conta Casciaro no seu livro “Sonhai e ficareis aquém” a atitude do Fundador depois da travessia dos Pireneus, passados os temores, angústias e sofrimentos.

“Eram tempos de guerra e os ânimos estavam muito exaltados, as opiniões, sobretudo no terreno político, defendiam-se com fervor e paixão. Os que tinham escapado da “outra zona” caíam com frequência num revanchismo exacerbado, explicável pelas vítimas na sua família ou por outros agravos que

haviam sofrido. Apesar deste ambiente, nunca vi ou ouvi do Padre nenhuma expressão que não fosse serena, prudente, caridosa para com todos. E, de todos os que viveram perto dele, nessa altura, talvez poucos pudesse ser tão sensíveis a este fato como eu, por causa da minha situação familiar confusa.

Um comentário ofensivo, um gesto de desprezo, uma insinuação ... tê-la-ia detectado imediatamente, mas nunca os proferiu. O Padre nunca falava de política: amava e rezava pela paz e pela liberdade das consciências, desejava, com o seu grande coração aberto a todos, que voltassem e se aproximassem de Deus. E sofria quando ouvia uma apreciação exclusivamente política daqueles acontecimentos, esquecendo a cruel perseguição religiosa e os inúmeros sacrilégios que se estavam a cometer.

O que explica que mal chegamos a Fuenterrabía o Padre me pedisse que deixasse uma relação, por escrito, nos Serviços de Informação dos esforços de meu pai, algumas vezes bem sucedidos, para salvar muitas vidas e evitar sacrilégios. Valendo-se do seu cargo de Diretor Provincial dos Monumentos Históricos e Artísticos meu pai conseguira esconder nuns armazéns em Albacete e num porão na aldeia de Fuentesanta, ignorados por todos, alguns vasos sagrados, custódias, imagens religiosas, etc. **É justo –** disse-me o Padre – **que mais tarde se saiba o bem que fez tanta gente boa, independentemente das opiniões políticas que pudesse ter.**

Estas palavras mostram a sua grandeza de alma. Nunca acusou ninguém: quando não podia louvar, calava-se. Jamais teve uma expressão de rancor. E naquela altura não era

tarefa fácil aliar a caridade e o amor à justiça mas, o Padre soube fazê-lo admiravelmente.

Outro traço característico daqueles momentos históricos, era o de muita gente falar de si própria num tom heroico e aparatoso: estava tão na moda contarem uns aos outros as desgraças por que tinham passado que chegou a dizer-se com frequência “por favor não me conte o seu caso”. Em contraste, o Padre que tinha tantos sofrimentos para relatar, nunca o fez. Também não procurou nenhum cargo oficial. Continuou a fazer o que sempre fez: trabalhar, calar, rezar e procurar passar despercebido.

Recomendou-nos, no meio daquele clima de exaltação, que nunca albergássemos ódio no coração e perdoássemos sempre. Seria preciso situarmo-nos nesses tempos para entender o significado radical destas

palavras: Estava a ocorrer a maior perseguição que a Igreja tinha sofrido em Espanha durante a qual morreram quase sete mil eclesiásticos e numerosos católicos por causa da sua fé.

Alguns dos que tinham perdido a vida nesse conflito por causa da fé eram muito amigos do Padre, como o Pe. Pedro Poveda, Fundador da Instituição Teresiana, hoje também nos altares; ou o Pe. Lino Vea-Murguía, a quem detiveram em 16 de Agosto de 1936 e assassinaram, abandonando-o morto junto à parede do Cemitério do Leste. Também tinham assassinado muitos sacerdotes seus conhecidos, entre eles, o seu padrinho de Batismo

Era viúvo – contaria o Padre, anos mais tarde, evocando a sua figura por causa da pergunta de uma senhora que sofrera uma perseguição cruel no seu país – e

mais tarde foi ordenado sacerdote. Foi martirizado quando tinha sessenta e três anos. Chamo-me Mariano por sua causa. E a freirinha que me ensinou a ler no colégio – era amiga da minha mãe antes de ter ido para freira – assassinaram-na em Valência. Isto não me deixa horrorizado, deixa-me o coração cheio de lágrimas... Estão enganados. Não souberam amar. Recordei tudo isto para te consolar, minha filha, e o Padre concluiu dizendo não para falar de política porque de política não percebo, nem falo, nem falarei enquanto o Senhor me quiser neste mundo, pois esse não é o meu ofício. Mas diz aos teus, da minha parte, que se unam a mim e a ti para perdoar.

O Padre soube perdoar e ensinou-nos a perdoar sempre”.

— CASCiaro, P., Sonhai e ficareis aquém, Quadrante, São Paulo.

No início da guerra civil Álvaro del Portillo teve de refugiar-se na Embaixada da Finlândia que foi assaltada no início de Dezembro de 1936. Foi preso e passou quase dois meses na prisão de Santo Antão (cuja sede era o Colégio dos Escolápios de Madrid). Foi libertado, sem acusação, a 29 de Janeiro de 1937 graças às pressões diplomáticas que se fizeram a partir de diversos países para a libertação das pessoas detidas, de forma indiscriminada, nos assaltos às sedes diplomáticas em Madrid na época revolucionária. O pai esteve preso, também de forma arbitrária, na mesma prisão e faleceu em virtude das privações que ali passou, pouco tempo depois de ter sido libertado. O Fundador conseguiu administrar-lhe – sempre de forma clandestina – a Unção dos doentes, fazendo-se passar por médico.

Manuel Sainz de los Terreros foi detido em 30 de Agosto de 1936 por uns sicilianos que o registaram na sua residência. Foi levado para a prisão de Porlier (outro colégio de Escolápios convertido em prisão durante a guerra) e ficou em liberdade provisória, com a obrigação de trabalhar para a prisão de Santo Antão

Juan Jiménez Vargas foi preso durante um registro efetuado em casa da família. Foi acusado de ter militado na AET, Associação Escolar Tradicionalista, vinculada ao carlismo. Em Novembro de 1936 esteve prestes a fazer parte de uma leva de presos da prisão de Porlier: todos os prisioneiros que faziam parte dessa leva foram fuzilados em Paracuellos de Jarama. Livrou-se – como sucedeu a outras pessoas durante aquele conflito – pela arbitrariedade e desordem com que se faziam as detenções e se

interpunham – quando se interpunham – os processos. Mais tarde, foi libertado e posteriormente decidiu desertar do exército republicano no qual exercia a sua profissão de médico.

Desconhece-se a razão concreta pela qual condenaram José María Hernández Garnica. O fato é que da prisão de Santo Antão de Madrid passou para a de São Miguel de los Reyes em Paterna (Valência), nessa altura foi libertado e destinado ao serviço militar na retaguarda primeiro em Rodalquilar (Almeria) e posteriormente em Baza (Granada) onde ficou até ao final da guerra.

perseguicao-ou-de-represalia-politica/

(13/12/2025)